

## **TALENTOS INVISÍVEIS OU CRIANÇAS MAL EDUCADAS? ALTA HABILIDADE SUPERDOTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Cristina Bruno de Lima (Autora)  
Cristina Lúcia Maia Coelho (Orientadora)

*Universidade Federal Fluminense e Secretaria Municipal de Educação de Cachoeiras de Macacu  
cristinabruno63@yahoo.com.br*

### **INTRODUÇÃO**

Na maior parte das escolas brasileiras hoje, especialmente públicas, fala-se numa educação para a construção da cidadania, para a autonomia. Fala-se também na recuperação da autoestima do aluno, no respeito às diferenças, dando conta de uma educação ideal para a transformação social que se faz necessária.

Porém, ainda há muitas condições que não são devidamente percebidas e avaliadas por desinformação e/ou preconceitos que vão sendo arraigados, e até mesmo devido às distorções das próprias concepções pedagógicas que têm fundamentado a educação brasileira.

Nessa perspectiva, crianças com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) têm suas dificuldades mal interpretadas e seu potencial minimizado, ficando à margem do que poderia ser "um futuro brilhante", enquanto a escola espera que eles regulem por si só, com o tempo e a maturidade, seus possíveis comportamentos inadequados.

A AH/SD, é muito mais do que um alto desempenho em uma ou mais áreas acadêmicas. Pode inclusive, não estar relacionada a desempenho acadêmico, voltando-se para áreas artísticas, esportivas ou outras.

Por outro lado, nem sempre resulta em sucesso. Não raro, inabilidades sociais, instabilidade emocional, imaturidade e até mesmo a visível dificuldade em algumas áreas, faz com que talentos de crianças e jovens passem despercebidos por seus familiares e pela escola.

Faz-se premente revisar o conceito contemporâneo de infância e o papel da EI, para que cada vez menos se perca oportunidades de desenvolver e bem aproveitar os potenciais ocultos nos problemas socioeconômicos; nos comportamentos disruptivos; na criatividade mal compreendida; na própria formação inadequada do professor e nos interesses financeiros dos sistemas educacionais.

Esse estudo de caso, que se inicia na educação infantil de uma escola pública municipal no interior do Estado do Rio de Janeiro e termina próximo ao final do primeiro ciclo do Fundamental 1, objetiva corroborar para uma reflexão sobre a subidentificação de crianças com AH/SD, pautada na hipótese de que há muitos mitos e preconceitos a serem desvelados, e isso passa necessariamente pela formação do professor. Essa situação tem consequências negativas para a criança nas sucessivas etapas de desenvolvimento, assim como para suas famílias e para a sociedade como um todo, que deixa pelo caminho talentos subaproveitados.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

O presente estudo de caso iniciou-se com a observação não estruturada, por um período de duas semanas, quando houve o primeiro contato com o aluno objeto desse estudo.

Novos contatos, ainda que por períodos mais curtos, em longos espaços de tempo, permitiram a continuidade da observação e algum convívio, favorecendo a percepção das peculiaridades dessa criança.

Passados dois anos, confrontando as observações da então professora do referido aluno, já na Educação Infantil II, com os demais relatórios e uma observação direta da criança em diferentes espaços e atividades escolares, foram sendo feitos registros que se somaram aos registros da última professora e produziram um relatório. Esse foi destinado ao Centro de Recursos Educacionais Especializados Municipal (CREEM), com um requerimento de avaliação multiprofissional, sugerindo possível AH/SD.

Dois anos e meio mais tarde, com o aluno já ao final do primeiro ciclo dos anos iniciais do Ensino Fundamental, foi realizada uma entrevista oral com professores do mesmo (sala de aula; educação física) e outros membros da comunidade escolar (diretora da escola, bibliotecária, coordenadora de turno, supervisora pedagógica). Também foi realizada uma avaliação formal, pela professora da turma, através da Lista de Indicadores de Superdotação – parâmetros para observação de alunos em sala de aula. Durante a entrevista, a mesma recebeu a lista e a apresentação do material, tendo sido informada dos passos anteriores, quando o aluno ainda estava na Educação Infantil.

Através de indicação da Supervisora Pedagógica e anuência da diretora, foi possível o acesso às avaliações do aluno, desde seu primeiro ano no Fundamental 1.

## RESULTADOS

Nas entrevistas, na escola atual, foi possível constatar que o aluno ainda mantinha alguns comportamentos infantilizados e intolerância a frustração, mas já era mais percebido pela sua inteligência, agilidade em fazer as atividades, interesse por temas diversos, especialmente animais. O aluno havia desenvolvido as próprias estratégias para otimizar o tempo ocioso, já que terminava tudo rápido. Procurava um livrinho para ler, um quebra-cabeça para montar, um desenho para colorir, conforme seu humor, que já se encontrava mais estável emocionalmente.

No primeiro relatório, em agosto de 2015, a descrição se coaduna com as demais, dos anos anteriores, com relação ao comportamento e aprendizagem. Foi encaminhado para a psicóloga. Não há registro de nenhum outro encaminhamento anterior nem relatório de transição escolar.

Na ficha individual do ciclo da infância, ano 1(2015) em todos os itens de todos os eixos, do primeiro ao terceiro bimestre, foi assinalado EP (em processo). No quarto bimestre, todos os itens de todos os eixos foram assinalados como consolidados (C).

Na ficha do segundo ano do ciclo da infância (2016), destaca-se a anotação EP durante todo o ano na questão da construção de textos orais. Os demais itens relativos à linguagem oral, a leitura, a apropriação do sistema de escrita alfabético e a discursividade, aparecem consolidados (C), com exceção do domínio do uso do dicionário. Na parte de produção textual, a maior parte dos itens está em processo (EP) embora a produção de diferentes gêneros, atendendo a diferentes finalidades, esteja consolidada (C). Na matemática, não aparecem consolidados os conteúdos referentes a frações e a resolução e elaboração de problemas de multiplicação e divisão em linguagem oral, além dos conteúdos de geometria. Os conteúdos de grandezas e medidas estão em sua maior parte consolidados (C) assim como o de tratamento da informação.

Na Lista de Base de Indicadores de Superdotação, utilizada pela professora atual para avaliação do aluno, 91,7% dos itens foram assinalados como “sempre” (terceira coluna) e 8,3% como “às vezes”. Os dois itens assinalados como “às vezes”, foram auto-suficiência,

relacionado à Inteligência Geral (IG) e estabelecimento de relações sociais com facilidade, relacionado à Capacidade de Liderança (CL).

## **DISCUSSÃO**

O relatório encaminhado ao CREEM, ainda com o aluno na Educação Infantil, teve um retorno inesperado. Nada de avaliação multiprofissional, nada de aceleração ou programa individualizado.

Ao passo que as observações apontavam para uma criança com toda a possibilidade da AH/SD, com um comportamento impulsivo e um gênio indomável provavelmente por falta de direcionamento adequado, o aluno foi direcionado para o “lugar comum”, com a anuência da mãe, que foi alertada sobre “os perigos da aceleração” e também culpabilizada pelos comportamentos inadequados da criança.

A aceleração divide opiniões e não é prática comum no nosso sistema educacional. Porém, está contemplada na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96, art.24, que prevê ingresso em qualquer série ou etapa, independente de escolarização prévia, mediante avaliação de desempenho, e também está prevista na legislação municipal de Cachoeiras de Macacu/RJ. Recebe apoio de pesquisadores importantes na área, entendendo-se que é mais provável que uma criança superdotada faça amizades com outras crianças/jovens com o mesmo nível de conhecimento, buscando, pela aceleração, uma escolarização menos entediante para esse aluno. Problemas de ordem emocional podem acontecer a despeito da aceleração (MAIA-PINTO, 2012; DELOU, 2014).

Surpreendentemente esse aluno, mesmo chegando à alfabetização já dominando as hipóteses da leitura e da escrita, sendo capaz de ler e escrever com boa compreensão e com outros indicativos da possível AH/SD, como um vocabulário bem acima da média para a idade e interesses específicos, continuou “no limbo”, sem qualquer atenção diferenciada. Prevaleceu a questão comportamental, a tomar como referência a indicação para psicóloga. As avaliações padronizadas, relativas ao primeiro ciclo, não corresponderam às expectativas que se tinha para o desempenho do mesmo. É possível que seja em função da orientação que há para o preenchimento dessas avaliações, tendendo a sinalizar que nesse período tudo está “em processo”. Também é possível que em meio a 25 alunos numa turma de alfabetização, os

que não têm dificuldade acabem ficando sem a devida atenção, quando a realidade da escola pública mostra que a maioria dos alunos exige muito do professor para alcançar os objetivos curriculares.

A segunda avaliação do ciclo, aponta para a inconsistência do desempenho em algumas áreas e também não converge para os resultados da avaliação pela Lista de Indicadores.

## **CONCLUSÃO**

O assincronismo entre idade, comportamento social, desenvolvimento cognitivo e emocional (COLEMAN, CROSS, 2000; VIRGOLIM, 2003; ALENCAR, 1986 apud PISKE e STOLTS, 2012), é comum em crianças com AH/SD, e explica essa diversidade de habilidades, comportamentos e inabilidades, podendo ser trabalhado à medida que o aluno recebe atendimento especializado. Mas também é uma das explicações para essa dificuldade de visibilidade desse aluno enquanto superdotado.

Essa invisibilidade começa na desinformação sobre o tema e sobre a legislação pertinente, relacionadas a uma formação acadêmica e docente deficitária. Outro ponto desencadeador dessa subidentificação é a representação cultural das pessoas com AH/SD, que erroneamente são vistas como casos raros, que não precisam de apoio, que aprendem sozinhos, que não estão presentes nas classes menos favorecidas, que necessariamente têm que ser bons em todas as disciplinas. Assim, não seria então um aluno com Necessidades Educacionais Especiais (NEEs), que equivocadamente, traduz-se em alunos com deficiências.

Espera-se, que alunos com AH/SD, mesmo na Educação Infantil, tenham grande motivação pela aprendizagem, fluência de ideias, equilíbrio socioemocional, alto padrão de habilidade psicomotora, curiosidade acentuada, e outras habilidades mais. Porém, o que se põe à frente do professor, na maioria das vezes, são crianças curiosas sim, mas ativas e questionadoras, criativas, com desempenho superior em algumas áreas e nem tão bom em outras, com inconstância de interesses, instabilidade emocional, isolamento ou superexposição.

Dessa forma, é preciso que o professor da EI amplie seus conhecimentos quanto às especificidades da criança com AH/SD, no sentido de auxiliá-lo no importante papel de

identificação e atendimento das mesmas. Assim, elas teriam mais chance de evoluir em todo o seu potencial.

Não há legislação que dê conta de uma formação insuficiente, que não prepare o professor para ter um olhar sensível às NEEs e às diferenças. Nesse sentido, a formação continuada tem um papel relevante para instrumentalizar esse professor com conhecimentos adequados à identificação de NEEs, sejam elas déficits ou AH/SD.

Faz-se necessário que se continue a investigação a fim de detectar outros casos como esse e tentar possibilitar uma mudança positiva nos prognósticos dessas crianças invisíveis ou visíveis pelo prisma errado.

## REFERENCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica.** – Brasília: MEC, SEB, 2010. 36 p.

DELOU. Aceleração de Estudos. **Revista Educação Especial**, Santa Maria/RS: UFSM, v. 27, n. 50, p. 675-688, set./dez. 2014

Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. DELOU. **Lista base de indicadores de superdotação - parâmetros para observação de alunos em sala de aula.** 2001. Disponível em:<[file:///C:/Users/ADM/Downloads/lista-base-de-indicadores-de-ahs-cristina-delou%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/ADM/Downloads/lista-base-de-indicadores-de-ahs-cristina-delou%20(1).pdf)> Acesso em 29 mai. 2017.

GAMA, M. C. S. S. **Educação de superdotados: teoria e prática.** São Paulo: EPU, 2006. 176 p.

MAIA-PINTO, Renata Rodrigues. **Aceleração de ensino na educação infantil: percepção de alunos superdotados, mães e professores.** 2012. 153 f., il. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde)—Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/11225>> Acesso em: 28 ago. 2016

PISKE, Fernanda Hellen e STALTZ, Tânia. O Desenvolvimento Afetivo de Alunos Superdotados: uma contribuição a partir de Piaget. Schème **Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas.** São Paulo, v. 4, n. 1, jan-jul/2012. Disponível em: <<http://www.bjis.unesp.br/revistas/index.php/scheme/article/viewFile/2400/1953>> Acesso em: 10 ago. 2016.